A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO E A IGREJA PROTESTANTE: RELAÇÕES DE PODER, SILENCIAMENTOS E POSIÇÕES ECLESIÁSTICAS

José Romélio Rodrigues dos Santos Júnior[1]
Nelcina Freire Alves[2]

RESUMO: As relações de poder, qualquer que seja, estão imbricadas a várias situações históricas. Desta forma, analisar o sagrado e sua relação com o gênero é fundamental para compreendermos como este último é representado a partir de uma interpretação bíblica/cultural estruturada pelo patriarcado, visto que por um lado as mulheres não podem desempenhar uma liderança eclesiástica, sendo destinadas a exercer funções reconhecidas socialmente como de "mulheres", tais como o cuidado com as crianças, com a limpeza, com a culinária e com a secretaria. Por outro lado, há uma abertura para que elas se tornem pastoras, palestrantes e teólogas. É preciso, porém, problematizar como a posição que receberam pode ser utilizada para a manutenção do machismo estrutural. O estudo está sendo conduzido por meio de leituras bibliográficas, entrevistas e análise de vídeos. Assim, os espaços que o feminino ocupa dentro das igrejas podem ser conquistados por reivindicações históricas ou estratégias para a manutenção de uma sociedade patriarcal, a partir das relações de poder.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Religião. Poder.

1 INTRODUÇÃO

A representação da mulher também está posta no sagrado. À vista disso, analisaremos as relações de poder que ocorrem nas igrejas protestantes, que invisibiliza o feminino mediante a organização patriarcal da sociedade, assinalando, como um dos pontos, a autoridade que é concedida à bíblia pelos fiéis, visto que há trechos deste livro comumente utilizados no ambiente religioso do grupo em pauta, que são mobilizados para condicionar o papel da mulher na família e na igreja, havendo interpretações diversas, o que nos conduz à investigação de elementos histórico-culturais do século XIX que acentuaram a separação dos sexos, caracterizando a representação da mulher protestante,

[1] Graduando em Licenciatura Plena em História, pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Bolsista PIDID-UNICAP/CNPq e voluntário PIBIC-UNICAP.
[2] Graduanda em Licenciatura Plena em História, pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

informados que este período "nada inventa nesse domínio; ele apenas reformula uma questão muito antiga" (PERROT, 2020, p. 182).

O termo gênero, comumente, é marcado pela construção binária dos sexos, estabelecendo as suas funções, papéis, tarefas e espaços, sendo importante a problematização do seu conceito. Para além de explicações biológicas e descrições históricas, é necessário analisar as construções socioculturais que definem esta divisão sexual. Assim, as representações acerca das mulheres, inseridas em uma sociedade machista, estruturam-se nas relações de poder, pois continuam excluídas, de forma direta e indireta, através de justificativas ou compensações que partem do patriarcado.

Seja na escrita ou como personagem da história, a mulher é excluída, visto que o ofício do historiador foi designado ao homem. Nesse sentido, produziu-se uma narrativa masculina e elitista, o que nos conduz a observar, hoje, a importância de uma história vista de baixo[3], que proporciona uma identidade e confere protagonismo a grupos sociais marginalizados. É preciso, assim, reivindicar, continuamente, a importância das mulheres na história, pois isso "significa necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos como 'verdadeiros', ou pelo menos, como reflexões acuradas sobre o que aconteceu (ou teve importância) no passado" (SCOTT, 2011, p. 80).

Apoiamos a pesquisa em uma considerável quantidade de bibliografias, na análise de duas palestras da 1ª Igreja Presbiteriana do Recife, disponibilizadas na plataforma YouTube, e na realização de cinco entrevistas com mulheres (jovens, adultas, líderes, não líderes e das igrejas Assembleia de Deus, Igreja do Amor e Presbiteriana). Ressaltamos que, a fim de preservar a identidade das participantes da pesquisa, algumas, por escolha, são identificadas, neste trabalho, por meio de pseudônimos. Recorremos aos pressupostos da história oral, pois tal campo "permite o registro de testemunhos e o acesso a 'histórias dentro da história' e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado" (ALBERTI, 2008, p. 155). Evidentemente, somos conhecedores da distinção

[3] A história vista de baixo consiste em uma perspectiva historiográfica formada durante o século XX, buscando resgatar as vivências do passado da população como massa, pois "ajuda a convencer aqueles de nós nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que viemos de algum lugar." (SHARPE, 2011, p. 62-62).

entre memória e história: enquanto a primeira está nos grupos sociais, passando de geração em geração, sem precisar de um rigor científico, a segunda, por ser uma produção científica, exige um rigor teórico-metodológico.

Gênero e religião são temáticas que por si só já possibilitam uma miríade de análises, ampliando, ao estarem associadas, a produção histórica. Desta forma, inteirados da abrangência da pesquisa, estamos impossibilitados de esgotar as possíveis discussões que perpassam o tema.

2 A BÍBLIA: INTERPRETAÇÃO E REPRESENTAÇÃO

A experiência com o sagrado, enfatizando uma autoridade[4], está relacionada a um credo, que demonstra como ocorre a organização de determinada fé e o impacto que ela possui no cotidiano do indivíduo. Assim, especificamente no que se refere à crença cristã protestante no Brasil, faz-se necessário analisar como a bíblia, livro que rege a prática de fé desse grupo, é interpretada e representada através de princípios hermenêuticos. Isso deve ser feito com a ciência de que a vivência religiosa, baseada na postulação de dogmas, é influenciada por construções culturais que proporcionam múltiplas tradições — como, por exemplo, a dos reformados, pentecostais ou carismáticos —, que possuem divergências teológicas em relação ao contexto histórico e interpretação de textos bíblicos específicos.

Assim, embora nosso foco seja histórico, precisamos observar como se baseiam a hermenêutica, a construção de uma teologia e o impacto de conexões políticas, econômicas e culturais que há na representação do gênero feminino. Tal movimento deve ser feito para que seja possível compreender as leituras que analisaremos sobre a imagem da mulher protestante no Brasil — inserida em uma sociedade patriarcal que fomenta um silenciamento do feminino, seja na exclusão de posições eclesiásticas de liderança, seja na ressignificação do machismo com contínuos objetivos, utilizando-se da mulher para sustentar esta estrutura.

[4] A autoridade que compõe as religiões é submetida, geralmente, a um deus e/ou livro sagrado. O cristianismo possui uma validação tanto no seu Deus quanto no seu livro, a bíblia, pois ela é a regra de fé e prática dos fiéis, sendo o elemento que analisaremos, no artigo, como autoridade desse grupo.

Ao desenvolver uma narrativa de representação do passado, qualquer que seja, o historiador está preso ao seu tempo presente; ou seja, todo período histórico é construído a partir da contemporaneidade, gerando um sentido duplo, como colocou Marc Bloch, ao afirmar que a "incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente" (2001, p. 65). Em outras palavras, para olhar o passado é precisar visualizar a nossa experiência no presente, buscando observar a nossa influência na interpretação. Nesse sentido, devemos buscar nos deter às fontes históricas, mas, ao mesmo tempo, devemos estar cientes de que não somos totalmente imparciais. Ao analisar a bíblia, visando a uma interpretação, é preciso compreender que ela possui contextos históricos, e, para além disso, ampliando o campo de análise, possui uma prática de fé. Posto isto, é fundamental a visualização do que foi colocado a eles "lá "e "antigamente", ao tempo que se produziu o documento, e como isto se aplica no "aqui" e "atualmente", seja numa perspectiva histórica ou cerimonial (liturgia e prática dos preceitos e símbolos da fé).

É preciso ter em mente, por outro lado, que o leitor/fiel é também um intérprete. Como argumenta Gordon D. Fee e Douglas Stuart, levamos "para o texto tudo quanto somos, com todas as nossas experiências, cultura e entendimento prévio de palavras e ideias" (2011, p. 25). Mesmo que exista essa compreensão da posição do leitor, essa questão ainda é bastante debatida no meio teológico, deixando claro que a nossa escrita tem por fundamento o campo historiográfico. Lidar com o sagrado, principalmente, com uma religião de domínio, a partir de uma perspectiva histórica é algo extenso, cheio de conjunturas sociais, sendo preciso problematizar as leituras equivocadas diante de um assunto bastante complexo, como gênero e religião.

3 A CONSTRUÇÃO DO FEMININO NOS SÉCULOS XVIII E XIX

Após as revoluções feministas na década de 1970, iniciou-se um movimento nos EUA com o propósito de analisar as relações sociais entre os sexos, deslocando-se do

argumento naturalista[5]. Com isso, surge o termo "gênero" para explicar que as diferenças entres os sexos, para além da biologia, são postas pelas construções sociais, como pensa a historiadora Joan Scott:

> o termo "gênero" também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres (SCOTT, 1995, p. 75).

Desde a Grécia Antiga os papéis já eram definidos. As mulheres cuidavam da família e os homens protegiam a cidade e proviam a sua família, sendo os únicos que podiam ser intelectuais. Tal cenário, em muitos sentidos, ainda não foi completamente superado. A Revolução Industrial, no século XVIII, iniciada na Inglaterra e posteriormente em outros países, causa um conjunto de transformações econômicas e sociais, como a entrada das mulheres no mercado de trabalho. Com a expansão das indústrias, passou-se a utilizar mão de obra barata, com péssimas condições de trabalho. As mulheres, assim, começaram a se submeter a esta situação para completar a renda familiar. Elas começaram, diante desses problemas, a formar sindicatos, organizando-se para lutar por seus direitos, o que desencadeou as ondas feministas[6]. Após as ondas que aconteceram no mundo, reivindicando o voto feminino, políticas públicas e outros direitos, as mulheres imaginavam que os ideais coletivos mudaram em algum nível, porém não foi o que aconteceu. Um estudo realizado pelo Índice de Normas Sociais e de Gênero (GSNI)[7], de 2020, analisou dados de 75 países, revelou que 90% da população

[5] A perspectiva naturalista parte da ideia de espécies "com qualidades e aptidões particulares. Aos homens, o cérebro (muito mais importante do que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, sensibilidade, os sentimentos" (PERROT, 2020, p. 186). Uma das entrevistadas, Patrícia Silva, da Assembleia de Deus, Pernambuco, disse o seguinte: "Dentro do culto, quem são as primeiras pessoas a chorarem? As primeiras pessoas que choram, que são mais sensíveis chorar ao momento da palavra, do louvor, são as mulheres. Somos sexos frágeis, não de ser impotente, de ser débil, é no sentido que essa fraqueza é que a gente é mais sensitiva, que as mulheres são mais sensíveis às situações."
[6] Grupos organizados por mulheres, iniciado na metade do século XIX, pela luta dos seus direitos sociais.
[7] Programa desenvolvido pela Organização das Nações Unidas.

global, homens e mulheres, até hoje acredita que mulheres não foram feitas para a política e, em geral, para o mercado de trabalho.

4 AS RELAÇÕES DE PODER: ENTRE O SAGRADO E O FEMININO

O protestantismo se instalou no Brasil através da colonização, da imigração e das missões, mesmo que, em um primeiro momento, não tenha obtido resultados tão expressivos como os católicos. Entretanto, é evidente que cada tradição cristã irá se desenvolver de forma peculiar — em períodos, com personagens, com métodos e com correntes teológicas diferentes —, ampliando a representação acerca do feminino, seja na família ou na igreja, organizando-se através das relações de poder, já que, como afirma Michelle Perrot, a religião, de forma paradoxal, instaura um "poder sobre as mulheres" e um "poder das mulheres" (2007, p. 83).

4.1 A MULHER E A FAMÍLIA

No âmbito familiar, quanto ao padrão bíblico, comumente pensado, o homem é determinado como líder. A mulher, por sua vez, é submissa, mãe e uma esposa idealizada, sendo moldada pela pressão que foi, culturalmente, colocada sobre si. Larissa Moreira, da Assembleia de Deus, Bahia, relata a sua experiência quanto a expectativa que recai sobre a mulher:

> Sempre afetou a minha vida o tipo de mulher que eu tinha que ser, para que os outros se agradassem de mim, na minha vida cotidiana. Por exemplo, eu ouvia coisas do tipo: 'a mulher tem que casar-se e tem que fazer de tudo para agradar ao seu marido', mesmo se ela tivesse que passar por situações muito difíceis, indesejadas, como ter relações sexuais com o marido, mesmo se ela não quisesse. Mesmo que ela não tivesse nenhum tipo de desejo, tinha que fazer aquilo, para não perder o marido. Esse tipo de discurso eu cresci ouvindo. E sempre a mulher que sustenta a família, pois se o homem terminar, provavelmente foi a mulher que não conseguiu cuidar do marido direito. Isso me assombrava, ter que ser vista como a mulher que tem que sustentar o lar, se não algo dá errado, por que ela não cuidou direito dos filhos, da família (MOREIRA, 2021).

Dentro dessa realidade é esperado que pessoas do sexo feminino cresçam sabendo seu lugar na sociedade (organizada, zelosa, silenciosa e submissa), sempre invalidando seus sentimentos e desejos para suprir os de seu marido. Alguns comportamentos são esperados das mulheres durante toda sua vida, sempre para o benefício do marido e de seus futuros filhos: precisam estudar para educar seus filhos, precisa cuidar de seus corpos para agradar seu marido, ser virgens para a noite de núpcias. Todas as fases que as mulheres passam nunca são para elas, e sim para o seu futuro marido e filhos. A função da mãe consiste em criar uma cosmovisão bíblica e familiarizar seus filhos com "toda a verdade", colocada como sendo da bíblia e de Deus. A maternidade é vista como uma forma de povoar o mundo com novos cristãos, o dom de ter um filho é o que deveria mover a vida da mulher, é o propósito de Deus para elas. O discurso patriarcal é intrínseco na sociedade de uma forma é aceito pelas próprias mulheres.

Na narrativa bíblica da criação, o homem é criado primeiro e somente depois a mulher. Por isso acredita-se que o feminino foi feito para o masculino, o que reforça a ideia de submissão. Qualquer coisa que contrarie este pensamento é tomada como afronta a Deus e como tentativa de acabar com a família tradicional:

> A busca para acabar com a desigualdade social é apenas propaganda do movimento feminista para atrair as mais desatentas, e que esse movimento não é pela igualdade dos sexos, mas pela supremacia das mulheres e da conduta lésbica e homo normativa, ele não se interessa pela feminilidade e pelo feminino, mas sim, tenta destruir a feminilidade e a masculinidade, bem como a simbologia e identidade inerente aos dois sexos (XIMENES, 2021)

A responsabilidade de toda a família é colocada sobre a mulher. Ela tem que se cuidar, cuidar do marido, dos filhos e da casa, para que o seu casamento não falhe. Se o marido chegar a lhe trair, a culpa é atribuída a esposa que não cuidou da vida sexual do casal; se o filho for desobediente, a culpa é da mãe que não soube educar; se a casa está desarrumada, a culpa é da dona de casa que é relaxada.

4.2 A MULHER E A IGREJA

Analisando o paradoxo acerca da condição do feminino, diante do poder que se faz presente nas relações dentro da religião, a mulher, por um lado, é direcionada a funções que são colocadas como de sua natureza, baseadas nos princípios da divisão sexual. Essa separação não se limita aos papéis determinados para cada membro da família nuclear, mas se desdobra no contexto eclesiástico das igrejas, difundindo as seguintes falas: "a mulher deve permanecer na retaguarda", a mulher deve se dedicar ao lar", "a mulher deve se dedicar as crianças", "a mulher não pode exercer autoridade como homem", entre outras.

Inteirados dessa questão, precisamos observar como esta narrativa não é algo que apenas parte do masculino, mas também do feminino, fornecendo uma validação, de modo que, na sociedade patriarcal, as próprias mulheres podem ser agentes do machismo, pois o poder sobre elas não apenas as silencia de forma direta, mas se estrutura através delas, para que seja normalizado. Assim, as frases citadas acima podem ser utilizadas tanto por homens quanto por mulheres, baseando-se na autoridade que concedem à bíblia, endossadas, principalmente, pelas ideias da diferença dos sexos no século XIX.

Quanto à negação do ministério feminino — principalmente nas igrejas Presbiteriana e Assembleia de Deus, informados da existência de exceções — a justificativa firma-se na ideia de que a mulher pode ser necessária em outras funções, não é algo que Deus ordenou para elas, sendo um desejo egoísta exercer um papel que não foi estabelecido na criação. Com isso, vejamos alguns trechos, proferidos por Hendrika Vasconcelos (2021) na palestra "Por que não posso ser pastora?", exibida na Conferência de Mulheres Cristãs: Maria não vai com as outras:

> Uma mulher que realmente entende a distinção dos papéis, ela vai se sentir desconfortada se for ser forçada a usar o dom de ensino de uma forma que não lhe convém. Ela vai se sentir numa posição em que há subversão daquilo que Deus já havia instalado.
> Quem você [mulher] está tirando daquele lugar para que você possa estar lá? [...] Será que Deus precisa levantar uma mulher para a vergonha dos homens? Não seja você, então, motivo de vergonha aos homens da sua igreja.
> [...] a mulher não ser pastora não significa que ela não possa servir na igreja. O oficialato, ser presbítero, ser pastor, ser diaconisa não é a única forma de você servir na sua igreja. Há muitas formas de você servir na

> sua igreja, inclusive, formas que muitos pastores precisam que as mulheres da igreja sirvam. [...] Mas muitas vezes a única coisa que nós queremos é estar lá no palco, estar lá nos holofotes, ter essa capacidade de falar e ser ouvida. É uma tentação muito grande desejar apenas isso e ignorar todos os outros serviços, as boas obras que estão lá para serem feitas na igreja.
> Muitas vezes nós queremos auxiliar a Deus, mas nós não fomos criados para auxiliar a Deus. Nós fomos criados para auxiliar aos homens, são eles que precisam da nossa ajuda, e não Deus. Toda vez que nós tentamos ajudar a Deus, achando que Deus não dá conta do recado, nós acabamos usurpando a autoridade dos homens. Você não foi criada para auxiliar a Deus, você foi criada para ser auxiliada por Ele.

É notória a posição de determinadas igrejas quanto ao ministério feminino, contudo, há instituições que empossam pastoras. O machismo, nesta situação, por ser algo estrutural, também se faz presente, pois a interpretação acerca da submissão da mulher é pensada de forma semelhante aos que são contrários ao ministério feminino, comunicando esta sentença às demais mulheres. Com essa postura, a existência do feminino em um espaço de poder pode auxiliar o machismo, pois será uma relação construída entre mulheres, mas fundamentada no patriarcado. "Não é raro que representações de gênero, comumente sacralizadas pela religião, expressem-se no e/ou visem ao corpo das mulheres a fim de controla-lo" (SANTOS, 2015, p. 102).

A representação da mulher se constrói através delas e dos homens, com ou sem a existência de um lugar de autoridade e na conexão entre a família e a igreja, definindo os papéis. É preciso problematizar todas as situações, pois o machismo consiste na ressignificação. Quanto à questão abordada, a entrevistada Larissa Moreira, revelando um paradoxo de um local que lhe dá espaço, mas, ao mesmo tempo, a controla, expõe o seguinte:

> Como mulher, eu acho que sempre tive algum tipo de espaço, na infância, de ter oportunidade na igreja. [...] Mas, talvez, tenha um senso de: 'meninas fazem isso e meninos fazem aquilo'; algo muito pragmático. As mulheres possuem lugar de fala, mas as pessoas tentam indicar o destino que essas meninas precisam ter e o que fazer (MOREIRA, 2021).

4.3 A ASSISTÊNCIA CAPITALISTA, A IGREJA E A IGNORÂNCIA DAS MULHERES

Na Revolução Industrial, de acordo com Michelle Perrot (2005), as operárias[8] eram vistas como "dóceis" pelos seus patrões, fáceis de manipular e acostumadas a obedecer. Essa visão era reforçada pelos poucos direitos que elas possuíam. Os problemas que as mulheres enfrentavam, como horas de trabalho abusivo, assédios sexuais, condições de trabalho insalubres e péssimos salários, foram combatidos através de suas lutas, nas quais se reivindicavam melhores condições de trabalho por meio de greves.

Com o desenvolvimento do capitalismo, na modernidade, houve uma ressignificação do corpo da mulher como instrumento. Segundo a historiadora Silvia Federici (2019), o capitalismo necessita de hierarquias. Esse sistema precisa que mulheres estejam abaixo dos homens para que seu trabalho seja barato e, muitas vezes, seja realizado de forma escrava. Fora isso, os homens precisam de mulheres para cuidarem deles, de suas casas e de seus filhos, para que eles estejam construindo suas carreiras e sonhos no mundo. É um sistema que, em qualquer espaço, estrutura-se através da ignorância — principalmente em relação ao feminino.

As mulheres, desde seu nascimento, como algo estabelecido, vivem em ambientes em que as mães cuidam da casa e de todos dentro dela. Depois da Revolução Industrial e da inserção das mulheres no mercado de trabalho, elas passaram a viver, muitas vezes, duas ou três jornadas de trabalho. A estrutura pouco muda ao observamos a igreja, sendo a perspectiva naturalista justificada através da autoridade que é concedida à bíblia, destacando textos específicos[9] com uma interpretação bastante influenciada pela cultura patriarcal que coloca a mulher como sábia que edifica a casa, submissa, regida pelos sentimentos e emoções, frágil, culpada pelo pecado, precisando sempre escutar e aprender com seu marido, pois é a cabeça do lar, incumbido por Deus, como pensavam Lutero e Calvino:

[8] No final do século XIX, em 1896, as mulheres eram maioria na indústria têxtil, representando 51% do total de operários.
[9] Gênesis 2.18-25; Gênesis 3.6, 12; Provérbios 14.1; Provérbios 31.10-31; 1 Coríntios 11.3; 1 Coríntios 14.34-35; Efésios 5.22-33; Colossenses 3.18-19; Tito 2.3-5; 1 Timóteo 2.8-15 e 1 Pedro 3.1-7.

> Para Lutero, a autoridade do marido representava uma autoridade sagrada, tendo as mulheres que se submeterem sem questionamentos. Calvino, por sua vez, afirmava que as mulheres deveriam permanecer no casamento mesmo havendo violência física, pois o marido possui autoridade sobre a esposa (LEMOS; SOUZA, 2009, pp. 53-57 Apud CÉSAR, 2021, p. 24).

Assim, é uma linguagem de domínio, carecendo de estudos hermenêuticos e histórico-culturais, que posiciona o feminino em situações de exclusão, violência, exploração e inferiorização, contradizendo os ensinamentos bíblicos, como o valor que Jesus Cristo, por meio das suas ações e ensinamentos, concedeu à mulher em meio a uma sociedade machista.

Toda essa construção, para com o feminino, nos conduz à violência doméstica, pois, de acordo com o índice do Datafolha, em 2020, no Brasil, uma em cada quatro mulheres foi vítima de algum tipo de violência[10] na pandemia. As igrejas no Brasil possuem dificuldades para lidar com essas situações. A igreja, comumente, presta uma assistência quando a agressão já aconteceu, mas dificilmente a previne. Assim, perguntamos a uma das entrevistadas, Patrícia Silva, da Assembleia de Deus, Pernambuco, como ela compreende a atuação da igreja quanto à violência doméstica:

> Palestras não vi, mas lidar, eu posso dar o exemplo do meu pastor e de outros líderes, porque claro, existem aquelas pessoas, geralmente irmãs que vão falar para outras irmãs que estão sofrendo violência em casa, existem algumas irmãs que diz ‘vamos orar, porque Deus vai mudar’. Eu tenho o meu pastor como exemplo, que orienta da forma correta, o que deve ser feita. Em uma situação como esta, dizer assim ‘vamos orar, pelo marido de fulana’, não, eu nunca vi, eu vi sim ele orientar da forma correta. [...] O pastor tem uma postura totalmente diferente, de deixar, realmente, a mulher escolher [a se divorciar], dizendo, ‘olhe, se você quiser seguir, é sua escolha, se você não quiser seguir, a gente está com você’. Pelo menos é o que eu vejo acerca dos casos de violência [...] (SILVA, 2021).

[10] Violência física, sexual, moral, patrimonial, psicológica etc.

Mas quando questionamos sobre possíveis palestras ou ações, visando conscientização dos fiéis da igreja, tratando o problema como estrutural, ela possui outra perspectiva:

> Eu acredito que seja assim, a gente tem várias temáticas na nossa sociedade, imagine que se a gente passasse a priorizar todas essas temáticas. O nosso culto não teria mais espaço para priorizar o que realmente deve ser priorizado dentro da igreja. Não estou falando que nenhum desses contextos, como, por exemplo, a violência contra a mulher não deve ser uma situação de prioridade, assim como a fome também é uma questão de prioridade, mas imagine que toda a temática que surgisse dentro da sociedade fosse inserida dentro da igreja, a gente não teria mais espaço para a palavra, porque só iria tratar de assuntos seculares (SILVA, 2021).

As mulheres, muitas vezes, sentem medo ou acreditam que a culpa da violência é sua, desconsiderando a situação, em alguns momentos, como violência, já que é transmitido, pela igreja, que o homem ensina e disciplina a mulher. Desse modo, acredita, frequentemente, que a violência é um ato de amor. Diante disso, a jornalista Marília de Camargo César, contrapondo a fala da entrevistada, indica alguns dados sobre violência doméstica que coloca este problema como resultado de um ensino descontextualizado da bíblia, sendo:

> o fato de muitos pastores terem se tornado cúmplice da agressão e do assassinato de milhares de mulheres todos os anos, pois 40% das vítimas de violência doméstica no Brasil são evangélicas [...]. Tais números estão inseridos em um contexto dramático. Em 2018, a cada duas horas, uma mulher é assassinada no Brasil [...]. Como se não bastassem essas péssimas notícias, sabe-se ainda que apenas 40% das jovens ou mulheres vítimas de violência notificam a ocorrência (CÉSAR, 2021, p. 24-25).

4.4 Lutas, conquistas e o sagrado como empoderamento

Por mais que estejamos, como analisado, em uma sociedade altamente machista, que se reflete no sagrado, precisamos observar as conquistas que as mulheres conseguiram na religião protestante, sendo pastoras, teólogas, idealizadoras de projetos, líderes etc. Um exemplo importante, durante as entrevistas, foi a fala da Isabela Natália,

que além de mãe e esposa, é uma mulher que estuda no ensino superior e que trabalha. São espaços que, mesmo excluídos do feminino durante a história, elas estão conquistando. Ratificando o argumento de Michelle Perrot sobre o poder das mulheres na religião, Manuele Lima, outra entrevistada, da Assembleia de Deus, Rio de Janeiro, considera o seguinte, enfatizando o movimento pentecostal:

> É claro que tem muita coisa ainda que temos que melhorar, óbvio, mas trazendo para a tradição pentecostal, especificamente, eu acho que é uma tradição que traz muito empoderamento, digo nem no sentido do movimento feminista, que é algo específico em relação aos homens, pois em muitas outras tradições, pessoa pobres, negras, sem estudo, elas não tinham esse espaço. Então, o movimento pentecostal surge proporcionando espaços, com mulheres sendo batizadas no Espírito Santo, sendo diaconisas, que pregavam e escreviam artigos. Há muito dos usos e costumes que limitam as mulheres, colocando uma pressão maior, na igreja? Sim. Mas ao mesmo tempo temos muito potencial para empoderar as mulheres, em vários sentidos. Tem uma história interessante que aconteceu na minha família. Uma irmã do meu bisavô contou que na década de 50, lá nos inícios da igreja de Goioerê, no interior de Paraná, ela queria iniciar um projeto e o marido disse que deveriam esperar um pastor da convenção. Na época a cidade ainda estava sendo inaugurada, não tinha uma cidade mesmo. Então, ainda, não tinha uma igreja definida e a convenção não havia mandado um pastor, isso aconteceu muitos anos depois. Assim, foi uma coisa dos membros, bem orgânica mesmo. E aí o marido dela falou isso: 'era bom vir um pastor para dizer se você pode ou não começar isso'. E aí, vira para o seu marido, nós temos gravado, e fala: ‘Deus já me autorizou a fazer isso, eu não preciso de uma autorização externa’. Quando que uma mulher na década de 50 ia poder falar ao seu marido assim? Na igreja tem, indiretamente, este empoderamento da mulher, que é um empoderamento espiritual (LIMA, 2021).

Questionada, acrescentando ao estudo, sobre como ela compreende o papel da mulher na igreja, Larissa Moreira comenta:

> Eu acho que aquilo que o Espírito Santo colocar nela para fazer, que o Espírito Santo der, dons e talentos, para que ela possa realizar, que ela sente vocacionada para fazer e exercer aquele papel, eu acredito que aquele é o lugar dela, independente do cargo (MOREIRA, 2021).

É preciso visualizar a experiência religiosa de cada mulher, buscando fomentar, entre elas e os demais membros das igrejas, uma problematização do assunto sem invalidar a sua fé. Estamos cientes que os desafios são contínuos, mas não esqueçamos de resistir, pois "o que importa reencontrar são as mulheres em ação, inovando em suas práticas, mulheres dotadas de vida, e não absolutamente como autômatas, mas criando elas mesmas o movimento da história" (PERROT, 2020, p.199).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que mesmo com uma maior abertura para o ministério feminino, ainda é uma representação mínima para o que deveria ser. As mulheres protestantes ainda sofrem com uma grande invisibilização, e, mesmo as que conseguem algum cargo de liderança, permanecem subordinadas às ordens masculinas, possuindo uma liberdade frágil, restrita e ilusória. Assim, existem várias contradições ao tratar desta temática, ocorrendo leituras equivocadas sobre questões complexas, que não são fáceis de problematizar e que envolve vários conceitos e teorizações das ciências humanas, o que evidencia como tal assunto é bastante divergente no cotidiano, mesmo postos como acabado. As representações, dentro do religioso, possuem, durante a história, uma enorme influência cultural, justificando as ideias, na atualidade, por meio das seguintes expressões: "a bíblia diz", "foi instituído por Deus", "é o padrão divino e das Escrituras", quando na verdade, como colocado, muitas das vezes são construídas através do contexto histórico-cultural de outros períodos, em destaque o século XIX.

Além disso, as igrejas precisam mudar a sua forma, quanto à visão e à ação, de lidar com os problemas sociais. Faz-se necessário a realização de palestras e projetos que combatam a violência e a exclusão estrutural que as mulheres sofrem. É preciso modificar o pensamento que a sociedade possui acerca do gênero feminino, como fraco e submisso, e que se restringe a ser esposa — não existe nenhum problema em escolher ser mãe e dona de casa, o problema é reduzir a mulher, sujeitando-as, a esses papéis. Assim, o sexo feminino não é frágil: possui, tal como o masculino, a capacidade de trabalhar, estudar, liderar, e conquistar os espaços que a elas também pertencem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografias

ALBERTI, Verena. **Fontes orais:** Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas. — 2ª Ed. — São Paulo: Contexto, 2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da história:** o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CÉSAR, Marília de Camargo. **O grito de Eva:** a violência doméstica em lares cristãos. — 1.ed. — Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2021.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa:** Mulheres, Corpos e Acumulação Primitiva. 1ª Edição. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?** um guia para entender a bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2011.

FONSECA, André Dioney; DE FARIAS, Marcilene Nascimento. **Relações de gênero e cultura religiosa:** Um estudo comparado sobre a atuação feminina na igreja evangélica luterana do Brasil e assembléia de deus. Revista de História Comparada, v. 4, n. 1, p. 6-41, 2010.

MIRANDA, Fernanda H. **Religião e mulher:** liderança feminina no pentecostalismo evangélico. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Letras e Artes. Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, Natal, p. 86, 2009.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

PERROT, M. **As mulheres ou o silêncio da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** — São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. – 10ª ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

RODRIGUES, Paulo Jorge. **O trabalho feminino durante a revolução industrial.** Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/xiisemanadamulher11189/o-trabalho-feminino_paulo-jorge-rodrigues.pdf>. Acesso em: 02 de dez. de 2021

SANTOS, Naira Pinheiro dos. **Desregulamentação, instrumentalização do religioso e reconfiguração das relações de gênero.** Mandrágora, v. 21, n. 21, p. 99-117, 2015.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação & realidade, v. 20, n. 2, 1995.

SCOTT, Joan. **História das mulheres.** In: BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SHARPE, Jim. **A história vista de baixo.** In: BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

Palestras

VASCONCELOS, Hendrika. **Conferência Mulheres Cristãs:** Maria não vai com as outras! #DIA3. "Por que não posso ser pastora?". YouTube, 23 de jul. de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/mSMD6UEnvJs>. Acesso em: 03 de nov. de 2021

XIMENES, Paula. **Conferência Mulheres Cristãs:** Maria não vai com as outras! #DIA2. "Minha filha virou feminista". YouTube, 22 de jul. de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/hGut2fi1og8>. Acesso em: 04 de nov. de 2021.

Entrevistas:

FERREIRA, Isabela. **Isabela Natália da Silva Ferreira**: depoimento [28 de outubro de 2021]. Entrevistadores: José Romélio Rodrigues dos Santos Júnior e Nelcina Freire Alves. Paulista — PE. Gravação MP4 (00:41:40). Entrevista concedida ao entrevistador.

LIMA, Manuele. **Manuele vitória de Lima**[11]: depoimento [27 de outubro de 2021]. Entrevistador: José Romélio Rodrigues dos Santos Júnior. Rio de Janeiro — RJ. Gravação MP4 (01:31:32). Entrevista concedida ao entrevistador.

MOREIRA, Larissa. **Larissa Moreira Souza**. depoimento [22 de outubro de 2021]. Entrevistador: José Romélio Rodrigues dos Santos Júnior. Ilhéus — BA. Gravação MP4 (01:17:56). Entrevista concedida ao entrevistador.

SANTOS, Natália. **Natália Siqueira dos Santos**[12]: depoimento [13 de outubro de 2021]. Entrevistador: Nelcina Freire Alves. Recife — PE. Gravação MP3 (00:34:00). Entrevista concedida ao entrevistador.

SILVA, Patrícia. **Patrícia Silva de Almeida**[13]: depoimento [01 de novembro de 2021]. Entrevistadores: José Romélio Rodrigues dos Santos Júnior e Nelcina Freire Alves. Cabo de Santo Agostinho — PE. Gravação MP4 (02:10:38). Entrevista concedida ao entrevistador.

[11] Pseudônimo.
[12] Pseudônimo.
[13] Pseudônimo.